

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

## O FIGURINO-BAIANA DE CARMEN MIRANDA, DENTRE OUTRAS BAIANAS

Vido, Maria do Carmo Martins; Mestranda em Design; Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, [ducarmovido.eduarte@gmail.com](mailto:ducarmovido.eduarte@gmail.com)<sup>1</sup>;

Oliveira, Madson Luis Gomes de; Doutor em Design; Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, [madsonluis@yahoo.com.br](mailto:madsonluis@yahoo.com.br)<sup>2</sup>

### RESUMO

Maria do Carmo Miranda da Cunha (1909-1955) deu lugar à Carmen Miranda, eternizada em seu figurino de baiana estilizada como a imagem do Brasil, no cinema internacional. Algumas pesquisas apontam que a artista não foi a primeira a se apresentar com o figurino de baiana, antes apresentados no Teatro de Revista e até mesmo no cinema. Mas, a “baiana de Carmen” se destacou, enquanto as anteriores não. Zeca Ligiéro (2006) afirma que Carmen inventou a própria performance assimilando as habilidades dos sambistas. Como entender o sucesso da figura de Carmen Miranda em seu figurino-baiana, a partir do momento em que outras artistas já tinham se apropriado desta representação? Para Ruy Castro (2005), os trajes de baiana não eram bem recebidos nos bailes de gala do carnaval. Para que as atrizes os usassem no Teatro de Revistas precisavam estilizá-los para dar-lhes um ar mais luxuoso e sofisticado. Algumas artistas precursoras e contemporâneas de Carmen merecem destaque: Pepa Delgado (1887-1945); Margarida Max (1902-1956), Etta Moten (1901-2004) e Aracy Côrtes (1904-1985). No filme “Voando para o Rio”, de 1933, a atriz/cantora Etta Moten aparece vestida com um figurino de “baiana” estilizada, cantando o tema “Carioca”. O filme é uma visão do olhar americano sobre o Brasil, em que Etta se apresenta com trejeitos e viradas de olhos, bem próximos aos movimentos cênicos que Carmen Miranda usaria em suas performances. Carmen era assídua a lançamentos de músicas,

<sup>1</sup> Especialista em Educação; Bacharel em Artes Cênicas – Indumentária; Professora de Artes Visuais, nos municípios do Rio de Janeiro e de Nova Iguaçu.

<sup>2</sup> Professor associado dos cursos de Artes Cênicas – Indumentária e Programa de Pós-Graduação em Design, ambos na Escola de Belas Artes/EBA, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.

# ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

assim como de filmes estrangeiros e estava sempre “atenada” em tudo a sua volta. Na pesquisa, ainda em desenvolvimento, Carmen se apresenta como produto e produtora no processo criativo de seus figurinos, apropriando-se de alguns elementos das baianas precursoras (turbante com cesta na cabeça; colares de muitas voltas; saia longa e xale/pano da costa) materializando “uma brasilidade”, incorporando a “herança” das baianas que a antecederam. Neste sentido, é lícito que “O imaginário, como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e, por sua vez, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária” segundo François Laplantine e Liana S. Trindade (2003). Na parceria com outros artistas (Alceu Penna, Dorival Caymmi, Jota Luiz e Gilberto Trompowsky) era Carmen quem decidia o que iria vestir, centralizando todo o processo de criação e confecção de seus figurinos, refletido em suas performances, agindo como uma “designer de si mesma” (termo anacrônico para a época). Na interseção dos escritos de Ligiéro (2005), Castro (2005) e Laplantine; Trindade (2003) construímos uma tessitura em que o figurino-baiana de Carmen Miranda se apoia na noção de imaginário capturado do traje da baiana tradicional aliado à contemporaneidade da “pequena notável”.

**Palavras-chave:** Carmen Miranda; Figurino; Baianas.